



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16958 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

**JUVENTUDES E MEMÓRIA: EXPERIÊNCIAS DE TEMPO DE JOVENS NEGROS PERIFÉRICOS**

Lucas Romano Silva - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

**JUVENTUDES E MEMÓRIA: EXPERIÊNCIAS DE TEMPO DE JOVENS NEGROS PERIFÉRICOS**

O *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023, p. 31) informa que no ano de 2022 50,3% das mortes violentas intencionais vitimaram jovens entre 12 e 29 anos. A publicação demonstrou que 76,5% dessas vítimas eram pessoas negras, reafirmando o problema histórico de violência direcionada à essa população no Brasil.

Esse cenário, onde os jovens atuam no desenrolar de suas vidas, provoca reflexões sobre a própria condição e experiência juvenil frente ao contexto de violência em que estão inseridos. Margulius e Urresti constroem uma definição de juventude à partir da compreensão de que alguns sujeitos possuem maior “*moratoria vital*” e “*capital temporal*”, pensando a juventude como “*un período de la vida en que se está en posesión de un excedente temporal, de un crédito o de un plus*”. Sem ignorar questões de gênero e classe, os autores alertam para a possibilidade dos “*jóvenes no juveniles*”, como o caso de jovens pobres que têm sua “juvenilidade” abreviada pela relação com o trabalho e cuidados com a família, por exemplo. (1996, p. 4-5)

A experiência de jovens homens negros, pobres e moradores das periferias brasileiras - marcadores sociais dos sujeitos dessa pesquisa - provoca outra questão: se uma das possíveis definições de *juventude* é a disposição de *capital temporal*, (Ibid, 1996, p. 6) o que é constituir-se enquanto jovem no país em que a temporalidade da qual as juventudes têm

direito é constantemente ameaçada pela violência?

Considerando a especificidade do contexto brasileiro, em que muitos jovens têm suas vidas violentamente interrompidas, a definição de “jovens não juvenis” se apresenta insuficiente para interpretar nossa realidade social. Assim, perguntamos: de frente para a dimensão histórica do mundo social, como esses jovens experimentam a própria temporalidade? Quais são as relações entre passado, presente e futuro que estabelecem nos seus cotidianos e nas composições de suas identidades? Quais as possibilidades de agência histórica desses jovens no enfrentamento às estruturas de violência e desigualdade que os afetam?

A pesquisa encontra-se em etapa de levantamento bibliográfico. Os resultados até aqui obtidos indicam que as produções que tratam de juventudes e memória dividem-se, predominantemente, em dois eixos. O primeiro preocupa-se com as possibilidades de compreensão das juventudes na historiografia: suas experiências, formas de ser, agir e socializar; os movimentos culturais e ações políticas que protagonizaram, a polissemia do conceito em sua trajetória histórica e sua constituição em campos diversos do conhecimento. Essas pesquisas são, majoritariamente, elaboradas a partir de fontes históricas que permitem acessar reminiscências das juventudes que passaram.

O segundo eixo, presente nas teses e dissertações encontradas, procura compreender as memórias de sujeitos contemporâneos sobre suas próprias juventudes no passado, trabalhando na perspectiva das memórias individuais sobre eventos, experiências e compreensões de eventos e movimentos culturais em determinados momentos. Essas pesquisas situam-se na contemporaneidade, procurando compreender eventos do passado a partir da mobilização de memórias de sujeitos ainda vivos sobre suas juventudes.

O presente projeto de pesquisa abordará de outra forma a relação entre juventudes e memória. Buscaremos compreender os elementos de memória herdados pelos jovens que contribuem para a formação de suas identidades. A partir da minha formação como historiador e interesse de pesquisa em juventudes e memória, debruçaremos-nos sobre as relações possíveis entre as memórias (individuais, subterrâneas e coletivas) e lugares articuladas por esses jovens, (Pollak, 1992) com o objetivo de investigar, a partir das memórias dos jovens, suas experiências de tempo e suas relações com o lugar/espço em que vivem.

A pesquisa se desenvolve a partir da perspectiva etnobiográfica, que articula dois métodos: a etnografia e a história oral. A etnobiografia “problematiza, por assim dizer, o

etnográfico e o biográfico, as experiências individuais e as percepções culturais refletindo sobre como é possível estruturar uma narrativa que dê conta desses dois aspectos na simultaneidade”. (Gonçalves, 2012, p. 20)

Considerando as histórias de vida dos sujeitos como potentes possibilidades de acesso à cultura, Dadalto e Pavesi argumentam que “o diálogo da etnografia com a metodologia da história oral se torna um dos mais frutíferos”, capaz de compreender “o tempo presente e seu entrelaçamento com memória e identidade, estreitando laços com a antropologia.” (2018, p. 233) e constituindo uma pesquisa “densa, local e atenta aos movimentos diários dos sujeitos, de suas narrativas, de seus silêncios e esquecimentos, preocupada com as teorias que esses mesmos sujeitos criam para justificar seu lugar no mundo” (2018, p. 229).

Palavras-chave: juventudes, memória, lugar

### **REFERÊNCIAS:**

DADALTO, Maria Cristina; PAVESI, Patrícia Pereira. **ENTRE A ETNOGRAFIA E A HISTÓRIA ORAL: uma proposta empírica etnobiográfica.** Revista del CESLA; International Latin American Studies Review (22), 2018: p. 227-246.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA.** São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 25/07/2023

GONÇALVES, Marco Antônio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z. **ETNOBIOGRAFIA: subjetivação e etnografia.** Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora Ltda, 2012.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **LA JUVENTUD ES MÁS QUE UNA PALABRA.** In: Margulis, M. (org.). La juventud es más que una palabra. Buenos Aires, Biblos, 1996.

POLLAK, Michael. **MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro., vol. 5, n10, 1992, p. 200-212.